

padê editorial

cole-sã escrevivências

apoio:
Fundo Elas de investimento social

outono2018
distrito federal

padê editorial

esteban
rodrigues

sal a gosto

cole-sã escritivências n. 002

sal a gosto

Poemas de Esteban Rodrigues

edição, diagramação: tatiana nascimento

revisão: Katiana Souto

ilustração y design da capa: Jean Matos

contact@jeanmatos.com - são sebastião

impressão por Frederico da Primor Impressão

imprimatagua@gmail.com - taguatinga centro

padê editorial é um coletivo editorial
que publica autoras negras y/ou lgbtqi+,
fundado por tatiana nascimento y Bárbara Esmenia,
em Brasília / DF

www.pade.lgbt

pade.editorial@gmail.com

sal a gosto foi feito no df como parte do projeto “Escrevientes: autopublicação artesanal de narrativas LBTs”, proposto pela padê e selecionado pelo Fundo Elas de Investimento Social em edital de 2018

Rodrigues, Esteban

sal a gosto / Esteban Rodrigues. - 1a. ed. - Brasília (DF): padê editorial, 2018.

ISBN: 978-85-85346-03-4

l. poesia l. título.

esse é o livro ∞ de 44 (versão web)

sobre a cole-sã escrevivências

inspirada nas escrevivências elaboradas/teorizadas por conceição evaristo, a cole-sã escrevivências, da padê editorial, é dedicada a textos maravilhantes de literatura lgbtqi+ (majoritariamente) negra contemporânea. são mais de 60 títulos de autorxs sapatonas, travestis, mulheres y homens trans, gente não-binária, povo preto sexual-dissidente de um monte de lugares num brasil que insiste' em nos matar, nos impedir de sonhar, de falar com nossa própria voz. mas mesmo assim: aqui estamos, falamos, escrevemos. sonhamos!

foi no blog de conceição que li “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. o racismo htcisnormativo, mola de funcionamento do sistema colonial que fez nossa banda do continente ser como é (escravocrata, lgbtqifóbica, espraiante de genocídio negro, indígena, de transfeminicídio, classista, desesperançosa, fundamentalista) tem entre suas principais ferramentas políticas de silenciamento: tenta nos roubar de nossas palavras, contaminar colonizando nossa expressão/discurso/narrativas, quer despermitir que plantemos nosso próprio imaginário. difundir seus estereótipos sobre nós enquanto finge que não vê não ouve o que nós mesmxs temos a dizer sobre nós.

selecionar esses textos y autorxs tem a ver com uma fé no contar nossas próprias histórias. y histórias que curem nosso passado, alimentem nosso presente, construam nosso futuro: além de incomodar sonos injustos, embalar os nossos sonhos de mundos, imaginários, afetos, existências possíveis, plenas, autodeterminadas, autoafirmadas literariamente.

ah! todos os livros publicados na cole-sã têm licença creative commons tipo “atribuição-não comercial-sem derivações”, o que significa que você pode compartilhar o material em qualquer suporte ou formato, desde que a autoria seja atribuída (“atribuição”) y desde que não seja feito uso lucrativo do material (“não comercial”). se você modificar esse conteúdo, tampouco pode distribuí-lo (“sem derivações”).

tatiana nascimento, organizadora

sobre o autor

Nascido no subúrbio ferroviário de Salvador, Esteban era personagem e ganhou(ei) vida. Há 12 anos se reconhecendo poeta. Há 21 se transformando em poesia. Fotógrafo, porque nem só de estrofes viverá o homem. Professor, produtor cultural, cantor, compositor e quase um lutador de UFC contra o sistema que quer me derrubar todos os dias.

sobre sal a gosto

Eu ainda me lembro da primeira vez que abri uma conversa do WhatsApp pra encontrar um áudio de uma poesia de Esteban – lá pra meados de 2015, acho, quando nenhum de nós dois tinha muita ideia do nível de importância que acabaríamos tendo um pro outro. Ainda lembro de me arrepiar com a potência daquelas palavras. De terminar os poucos minutos de áudio ofegante, como alguém que escapa de um naufrágio. E de, quase que com sede, apertar o play para escutar novamente cada entrelinha.

Eu entrei naquele poema despreparado, sei-lá-quantos anos atrás – nunca tinha lido uma palavra daquele menino, sequer sabia que ele escrevia até ele me pedir uma opinião. Nunca alguém me desarmou tão rápido com versos.

Entre preparado em cada poesia dele que li depois disso, com a sensação de arrebatamento ainda fresca na memória, achando que assim me veria pisando em chão firme quando chegasse ao ponto final. Não adiantou – até hoje, não consegui sair inteiro de nada que ele escreveu. Nem uma vez. Tem alguma coisa muito difícil de explicar nos escritos de Esteban, alguma coisa que parece estender a mão para fora do papel e acariciar seu rosto enquanto você lê.

Talvez seja a honestidade, a franqueza com que nos esbarramos em cada página. Vi um pedaço dele em cada linha, claro e vulnerável como se estivesse sempre sob a luz do dia. É difícil, temos que concordar, se manter inteiro e coerente diante da beleza que só a vulnerabilidade carrega, especialmente quando sabemos que o mundo não acolhe nem compreende certas pessoas, vidas, realidades, existências. É tão dolorido quanto cativante ver uma pele exposta quando seria perfeitamente compreensível que encontrássemos uma muralha.

Ler esse livro, como amante de literatura e poesia, foi uma experiência bonita e dóida, encantadoramente gratificante como só um bom livro de poesias é. Ler esse livro como um amigo me fez crescer dois metros de puro orgulho, pela pura possibilidade de que tantas outras pessoas possam saber o que eu já sei: Que esse homem é um dos escritores mais talentosos que tive o prazer de conhecer. Ler esse livro como um homem transexual nessa realidade de micro e macro violências diárias, em que o desespero de não ter espaço compete o tempo inteiro com a esperança de ver o mundo mudar, foi como levar um soco na boca do estômago e logo depois ser abraçado por muito tempo, com muito amor. Terminei a leitura com lágrimas nos olhos, e não saberia dizer qual das três experiências pesou mais nisso.

O que posso dizer, com a mais absoluta segurança, é que Esteban é o homem mais bonito que já conheci e, como consequência, esse livro, cheio de pedacinhos dele, é de uma beleza indescritível e maravilhosa de se experimentar. Não é possível esquecer, nem por um momento, que essas poesias são feridas abertas, mas a melodia que ele dá à dor faz com que a inescapável realidade se torne mais graciosa por alguns momentos.

É impossível sair inteiro de uma poesia de Esteban. É igualmente impossível não respirar fundo e ler de novo.

O mar engoliu meu reflexo no espelho,
meus dotes, meu berço, meu riso e meu choro
o mar engoliu minha certidão, minha maresia, meu medo
engoliu os papéis em que escrevi
os poemas em que morri, revivi, sem ti, sem sentido
o mar engoliu minha prepotência, minha arrogância,
engoliu minhas aspas e reticências, meus temores
como se não bastasse, engoliu a minha infância
e as minhas lembranças
engoliu o menino melado de lama, correndo descalço,
engoliu o pai no canto da sala lendo o jornal
e a mãe a bordar no sofá,
engoliu os primos que atiravam pedras na macieira,
e as primas as quais roubaram um ou dois beijos meus
o mar engoliu o lençol de retalhos e o urso secreto
o olhar contemplante que refletia o rio
ou a chuva, ou o frio
o mar engoliu minhas bebidas e meus olhos prepotentes,
meu cheiro de terra molhada
o mar engoliu até meus dias não contados, as histórias para dormir,
engoliu as veredas e olhadas à janela
os pobres pombos que pousavam no meu telhado
os minutos atrasados do meu relógio, na cabeceira
o mar engoliu meus sonhos juvenis, meus desejos de guri
o mar me engoliu, eu vivo por um triz.

era uma terça-feira quando você me disse que eu finjo ser algo que não sou e isso tem me perseguido por todos os dias desde aquele fim de tarde. eu nunca soube demonstrar e o peso de todo o mundo cai sobre mim quando eu me calo

eu não chego a chorar

em meus delírios perdidos eu vejo que realização é algo muito mais esperado que qualquer outro querer. quem não quer ser realizado? eu queria ser realizado. todos os dias eu penso que poderia ser um homem realizado se não fosse isso tudo e você.

eu me calo sempre que me lembro quem eu sou

mas o que sou não é pecado, não é errado, não é doentio. o que sou só me cabe, com todos os preceitos e preconceitos, me cabe. o que sou não é escolha, sorte, destino. o que sou não veio prescrito, não tem guias, propagandas. o que sou não tem voz audível, cor visível, cheiro. ignorado com sucesso.

eu tenho em um bolso as lembranças de quando era o que nunca fui: e dói. no outro os farelos dos sonhos, expectativas, perspectivas e ilusões. em dois passos se escancara a realidade que se blinda e me põe numa caixa de vidro no centro do Campo Grande: atração pública. aberração. mentira.

argumentam que eu não peço ajuda. eu pedi socorro e são todos surdos.

os calos nos meus pés são das fugas pelos becos da suburbana, o suor que desce frio e cortando a coluna tatua o teu nome em formas garrafais: você é ferida aberta e magoada diariamente. sua piada, olhar, cochicho.

seu privilégio é ser o caçador: te convido a viver um dia como caça, mas dessa mesma minha raça que você nem come, só mata.

hoje eu chorei até vomitar
todas as palavras que me impregnaram
como vírus no sistema

eu chorei até vomitar
e não consegui olhar o reflexo
dos meus olhos castanhos

olhos que eram paz
hoje foram guerra e eu perdi

e tenho perdido a ponto de chorar
até vomitar
perdido nos vários caminhos
que andei e desisti:

em cada canto eu ouvia aquela voz que não gritava
mas sussurrava e isso era
absurdamente
mais
desesperador

cada sussurro, cada passo no abismo
era mais uma chance de nunca mais ser:
mas continuo sendo e
em silêncio
me pergunto o quanto de vazio
e quantos espaços há em mim:
e em silêncio sei a resposta

silêncio é vazio ou espaço?
e quanto espaço estive disposto a dar
para não ser só vazio

eu sinto o fílin da dor sobrevoando
o âmago do que chamo de alma – tão quebrada

eu cato os cacos durante a noite
para que eles possam ser quebrados
ao decorrer do dia
e tudo pesa demais aos vinte anos e tantas dores

mas eu não sou um monstro
eu sinto que em alguma hora
uma nova galáxia vai ser descoberta e eu vou explodir:
e ninguém conseguiria explicar
então eu sinto pelo todo (e por tanto!)
e me faço chorar - até vomitar
renasço e amanhã juntarei os mesmos cacos
já partidos e já colados e já cansados
e eu percebi que eu não sou um monstro,
mas tenho a força de um
porque eu ainda estou aqui
após vinte anos e tantos medos
tantos traumas
tantos pesos
eu estou aqui quando todos teriam desistido
eu estou aqui e já desisti tanto: menos de mim

é aqui que eu encontro os três infernos que há em mim

eu lembro de me olhar no espelho e não reconhecer a carcaça já magoada de todos os embates travados com a vida. limpei o sangue seco misturado com suor, acariciei as olheiras e toquei os ombros exaustos. eu lembro desse dia. quando o boxe do banheiro se tornou apenas um quadrado de vidro onde não deixava a água vaziar e se misturava às lágrimas não mais sofridas e sim exaustas.

o primeiro dos infernos é a exaustão

era feito arte o simples ato de aceitar o que viesse. de bom, de ruim, se viesse. o estado exaustivo faz isso, te deixa a mercê do que aparecer, quando aparecer, se aparecer. eu ainda estava nesse plano mórbido de não ter mais carreira e sobreviver, como se isso fosse tão mais fácil ou prático que viver. houve lutas. um inferno. à noite quando eu deitava no chão do quarto e sentia o piso branco frio encostar na minha pele, saía por dois instantes de mim. um pouco de alívio em um corpo pesado.

o segundo inferno, mas não menos pesado é o próprio peso das coisas

nos primeiros dias de um dos últimos meses do ano que passou eu tomei nota de tudo que sobrecarregava não só os ombros, mas os olhos e o peito. eu passei a odiar listas, fiz uma bola amassada com todas as metáforas que criei para cada uma das coisas que me faziam chorar a noite no claro. ter medo de escuro era o pior, não tinha como evitar a vergonha de me ver naquele estado. de todo mal, eu ainda dava ouvidos. aos outros, às paranóias, aos outros. era absurdo como as palavras ou até a falta delas em determinadas circunstâncias me tiravam um tanto de carne morta e alma. virei acúmulo.

foi aí que eu vi esperança. e a coloquei no posto do terceiro e pior inferno.

numa das tardes de novembro aquela criança olhou nos meus olhos e falou comigo. e eu senti que poderia ser o que sou, que poderia sair à rua, ir aos bares e aos cafés e à NASA se quisesse. explodiu em mim cores que nem sei o nome formando aquarelas inteiras nas paredes do metrô. esperança. ao sair a realidade me deu boas vindas com pedras e tapas. ainda é dor. o mundo ainda é preto e branco. o cinza dos meus olhos é lágrima envelhecida. escondo o rosto e corro.

quando eu me olho no espelho
e vejo esse corpo que não é meu
me sinto insuficiente

quando eu me olho, nos olhos, naquele espelho
e vejo esse corpo, esse meu corpo, que não é tão meu
me vejo insuficiente

e todos os olhares que recaem sobre mim
me veem assim
assim insuficiente
assim não tão
assim

quando eu saio na rua e meu reflexo
é desconhecido quase invisível
me sou insuficiente

quando eu saio pela mesma rua e aquele mesmo reflexo
ainda é desconhecido, por tanto tempo
me declaro
in su fi ci en te

porque ser insuficiente não é não ser visto
é não se ver

eu tenho cores num armário branco
amores num peito brando
cantigas que doem tanto
e choro sozinho
porque isso tudo
no fim
é nada

minha dor é incolor
o mundo não me vê
e ainda assim me fere
como se eu fosse uma grande obra
de mau gosto
no meio da Lapa

eu sinto a dor do mundo
e não é suficiente

eu vejo a cor de tudo
e me caio branco quase transparente

eu sei o meu nome
mas no documento é diferente

o que me torno te ofende

eu quero a paz
de seguir
(mesmo que devagar
tendo às vezes que parar)
em frente.

02h55 am. ninguém sabe quem eu sou.

estava no fim do cigarro e da varanda eu via a parte calada da cidade, meu silêncio se entrelaçou no silêncio do mundo e fomos um só, como um átomo. meus olhos percorreram as vielas que alcançavam, havia uma igreja à direita. grande, com a fé dos que precisam acreditar em algo maior para levar os dias e justificar as glórias e desgraças de nós mesmos.

meus olhos ardiam.

o intervalo entre a paz e o caos é o que chamo de fôlego. meus olhos iam entre as vielas, à direita uma igreja. grande, recebia toda a fé que depositamos em algo maior para justificar as glórias e desgraças que temos. e somos. eu li que *na física atômica*, na página 1831 de um livro que é mais poesia que ciência, *jamais poderemos falar da natureza sem falar, ao mesmo tempo, de quem somos*. a natureza é um cômodo onde a paz e o caos coexistem. jardim e furacão. ela e plantão da Globo. coexistência.

a diferença entre espaço e vazio é o quanto de paz e caos carrego em meu peito.

nesse mesmo livro que não sei o nome, o estudioso que também não sei o nome alegou de forma clara: *a matéria sólida consiste quase integralmente em espaço vazio*. espaço vazio é a redoma que permite que a paz e o caos coexistam sem ferir a essência humana. espaço é quando respiro e esqueço de tudo para te ter em meus braços. vazio eu não sei. e aceito o não saber como força maior, pra suprir a singularidade do que sou e desse trecho da cidade que me acolheu, me pôs em seu espaço, me mostrou quem era e me permitiu saborear o flin do seu estado vulnerável.

03h26 am. eu não sei quem eu sou.

um galo cantou em algum lugar audível, rompendo a camada de estabilidade que a natureza envolveu nela mesma para se manter intacta. uma rachadura transparente agora fazia parte desse seu corpo denso e estático. naquele mesmo livro, que eu hoje quero saber quem escreveu, dizia também que *os átomos colidem milhões de vezes a cada segundo e, no entanto, retornam à sua forma original após cada colisão*. e diferente dos átomos, na natureza – e em mim – há rachaduras. há essa invasão do canto do galo na redoma, há essa voz que se faz presente nas noites que preciso ser só. vazio e não espaço. há essa marca que nos marca todos os dias.

sal a gosto

eu procuro me manter estável.

existem ruídos e caos e paz e nós e tudo envolve a essência do que nos torna vivos. a redoma que engloba a natureza me transforma em ser suscetível ao fracasso e a vitória, aquela igreja é mais que isso, é lar dos que agradecem e clamam socorro. não há como ser original a cada colisão. não há como separar de forma limpa o caos da paz. tudo que rompe essa redoma se transforma em energia. tudo em volta dela é grito e turbulência. atrito. dentro, espaço. o vazio que comporta o silêncio de cada madrugada dessa cidade se permite ser espaço e nos recria, até que amanheça e a energia do dia anterior tenha sido internalizada. se há caos, a energia dissipa. se há paz, aquieta.

respire.

sem o brilho extasiado nos olhos
e a eloquência de um amor viril
cabe, a mim, me afogar.
sem os sorrisos calorosos e as chegadas,
só me resta partir também.

sou o desafago,
a desarmonia do que um dia já foi orquestra,
o pianista solitário que procura
alcançar uma nota impossível
e por isso passa horas a fio
entretido na busca de respostas
que jamais serão encontradas – jamais foram ou serão respondidas.

e as perguntas se materializam,
aço fincado na pele,
cobertura do metal resistente a danos, sou.
por entre as aberturas do capacete, vejo o mundo
nas minhas mãos o enrijecer dos ossos maltrata,
molda,
tem o acabamento.

tornou-me só,
tornei-me ferro
na espera de um dia
(quem sabe)
pó. hoje não.

eu me condeno ao pensar que posso não ser um homem de verdade, quando tanta gente me mostra cada detalhe de que não sou. é desesperador estar em um mundo onde seu corpo diz mais sobre você do que a sua boca. “e que boca gostosa”, eu ouvi.

eu me condeno ao chorar no canto do quarto pensando naquela mulher que disse sentir atração por mim só por eu ter um corpo de outra mulher e ser algo novo em sua vida. “era só curiosidade, moço, mas você tem um corpo muito bonito”, eu ouvi.

eu me condeno ao cogitar desistência por causa do peso que é ter que provar quem eu sou todas as horas de todos os dias para tentar ser aceito num ambiente. “não podemos te chamar pelo nome que você quer, mas te respeitamos”, eu ouvi.

eu me condeno por me anular do mundo ao invés de tentar mostrar a ele que não foi escolha e não é azar, não é digno de pena, não é absurdo. “é bem invasivo, pra quê ferir o corpo assim, sendo que você pode só se aceitar como nasceu”, eu ouvi.

eu me condeno por sempre dar ouvidos. e me condeno por me condenar todas as vezes. é um ciclo doloroso e dolorido. é nesse espaço que não sei até onde posso ir pra não ferir os valores de outrem, é nesse espaço que não sei se o tesão é no corpo do homem que eu sou ou no que aparenta outra mulher, é nesse espaço que minhas curvas são tão bruscas que me acidento em mim mesmo e me remendo.

há dezoito dias eu fiz um poema sobre ficar. há cinquenta e sete dias eu fui embora de um lugar. e há quarenta e seis de outro. e há quatro de outro. e há três de outro. e pretendo ir novamente em breve. eu realmente fiz o poema sobre ficar. ficar e ficar em paz, mas eu sempre fui filho da sabotagem e em primeira pessoa sempre pareceu mais fácil. e era. e é.

“(...) já que a essência do que digo que sou
gosta da presença
e decide o que é lar
finalmente”

eu realmente fiz o poema sobre ficar. e em dezoito dias, autossabotagem. em dezoito minutos eu chorei pela fraqueza e mentira que sai dos meus olhos corajosos. já que a essência do que digo que sou hoje chora comigo e só aceita meia luz. sem platéia dessa vez (em respeito à privacidade e ao direito a intimidade previstos nos incisos X e XII do art. 5º da constituição federal).

eu me escondi

embaixo da sétima camada de vidro
do meu espelho

desenhei um reflexo torto
para aceitar que estava ali
estava em pé

mas meus joelhos dobrados
e cabeça reclinada
traziam o peso do que é ser homem
nesse mundo-fantasia muito mais dor que o esperado

podia ser roteirista
se me coubesse toda inspiração
mas só sou amontoado de anos e danos

a retrospectiva da minha vida
é ver pegadas em chãos que nem lembro ter pisado
enquanto fugia de mim

paulo me deixou há onze anos, **osé** há seis, **ricardo** e **felipe** há um pouco menos. meus amigos são fluidos e reconsiderarei oitenta por cento deles antes de escrever isso, nunca foram tantos e hoje se resumem em cinco, talvez seis. minha família desistiu, meu emprego deve cogitar me demitir em breve, a faculdade me força a pensar em abandono sempre que ponho os pés dentro de uma sala e lembro que não sou o suficiente para estar ali. eu passei de desacreditador à desacreditado em um ano. me olham surpresos quando entro na sala de aula, não creem que eu consiga parar de fumar, evito há alguns dias olhar o espelho. entre a dependência e a autossuficiência existe uma linha de chumbo que incomoda os pés quando se passa por ela. e os pés são a base do equilíbrio, eu bem sei. eu sentei no chão no banheiro e tentei listar todas as vezes em que a sensação de ser substituível me acusou fraqueza e desisti. desisti porque eu ainda sinto, porque enquanto fazia a lista eu vi ausências e outros, nenhuma ligação. a sensação de ser substituível e desacreditado. o teto branco, meus cinco livros deixados à mercê de uma inspiração que nunca vem, a prova que devo entregar em quatro dias. impotência. o silêncio desenha nas minhas costas e nuca e tronco e peito e costela todas as marcas do tempo. o mundo lá fora grita socorros e améns. me sinto protegido e exausto. nenhum som de chave no trinco da porta. no fim, nunca houve diferença entre espaços e vazios.

eu não consigo respirar
sem lembrar que amanhã
tudo estará igual

a sensação de não ser mais
me dá náuseas e faz minha asma atacar

ai eu fumo

aos poucos vejo que perdi minha humanidade
nos encaixos da rotina: e tudo é amargura.
o choro que não desce faz meu corpo vibrar
e o controle que um dia achei que tivesse
se desfez na minha frente
há
três
noites

o peso do tudo me empurra contra a parede
eu não consigo respirar

ai eu fumo
se penso nisso tudo dá vontade de parar
estacionar naquele breve instante
em que acordo e por milésimos de segundos
tudo é silêncio
paz
tudo é nada até ser tudo de novo
já que o peso de quem sou se transforma em dor

e de novo eu levo o dia
com a alma arqueada
boca seca e um quê de pena nos olhos

pena

pena porque todos os outros sentimentos
já esgotaram o quanto devem ser sentidos e esse
que escondi por anos
se mostrou ali

sal a gosto

eu não consigo respirar
algo de gosto ruim invade minha garganta
algo de realidade me lembra que não dá pra fugir de mim
e tudo (com esse peso enorme)
me faz perder o chão

me faz cair no abismo que é
se dar conta que tudo não passa
de decepção e tentativa

mas amanhã
por aqueles breves – tão poucos, tão finos – milésimos
tudo é paz
talvez por isso eu continue

plutão não é mais planeta

saber que plutão não é mais planeta me lembra que talvez, um dia, eu consiga tirar você do sistema que me forma e te tem ainda como parte. saber que tua superfície gelada já não está entre as descrições do que sou feito deve um dia me fazer não pensar em ti. senti por te desconhecer e por frações te quis de volta só pra sentir as coisas que nem pensei. eu só quis sentir e te quis. te quis como louco pelo espaço sideral e seu espaço em mim, quero plutão. que não é tanto, não é tudo, mas é e por ser, eu quero. por ser, eu sou e não me acostumo com a ausência. eu sinto medo de seguir sem você, de olhar para trás e não ter nada além de álbuns antigos com suas fotos e hoje ocupados por benedito ou tadeu. eu mandei uma carta à NASA dizendo que oito planetas não formam toda a Via Láctea e que olhar o seu lado da cama vazio ainda dói. minha melhor caligrafia foi pedindo plutão de volta, já que você eu não alcanço.

para ella

Quando criança me ensinaram que expor sentimentos era sinônimo de fraqueza e desde então jamais fraquejei. Sempre fui o primeiro a soltar o abraço, largar a mão, fechar o sorriso, me despedir, preferi – por ensinamento – ter a distância como aliada e o não-sentir como escape de sofrimento, até que seus olhos apareceram, tão mais brilhantes. O sol parecia nascer quatro vezes por dia, as nuvens carregadas jamais foram tão brancas e eu não estava apaixonado. Não estava porque isso ia contra os princípios da minha criação, era um pecado que eu não podia cometer sabendo que, depois disso, decairia.

Na brecha entre ser e querer, escancarei a alma diante da parede em branco, roguei pela apropriação do vazio para inundar-me, sem chance de revogação por erro cometido. Mas nessa hora tua voz já era como sussurro em meu silêncio e teu toque, cobertor para minha pele fria por anos e eu corria perdido nesse labirinto que é sentir. Consternado pela falta de controle sobre o meu eu, sentei e bebi por três dias, a porta do quarto não foi aberta e tinha cheiro de mofo em todo o aposento – o espelho me encarava distraidamente e me corroía a cada segundo, arrancando de mim cada pedaço de incredibilidade na vida.

As cláusulas do passado que me foram dadas já não tinham serventia, os papeis transbordavam poesia resumida nos teus olhos cor de nuvem e eu havia me rendido ao que quer que fosse, já não me mutilava mais por ter perdido a insensibilidade – ainda que quisesse. Eu escrevo a teus olhos por anos, sinto cada poema rasgar minha pele e se enroscar na minha coluna feito serpente e apertar-me a alma até que eu desintegre. E eu desintegro.

O vórtice dos teus olhos é tudo.

Dado por vencido, não extrapolo meu querer, guardo pra mim e transcrevo-te para submergir no que és. Inundar-me. Afogar-me. E descobrir que, em ti, respiro. E me torno vivo, para reaver o que sinto até que a noite chegue e tu te despeças de mim. Dou-te boa noite, velo teu sono, mas não digo que lhe amo.

a gente também esvai, pensei

era ainda dia quando chorei pela vigésima segunda vez no ano que só tem cinco dias até hoje. eu tenho tido medo do mundo e de mim: acúmulo de anos, danos e cicatrizes. eu pensei no dia que andei devagar pelo campo grande, fotografando todos aqueles olhos com meus olhos, chorando as mesmas lágrimas daquele garoto sentado no canto esquerdo do banco. eu escrevi sobre ele algumas vezes depois disso.

quando penso que não sou exclusivo à dor é como se toda a tempestade fosse transformada numa única esfera catastrófica e engolida por um deus de outro universo por alguns segundos, mas logo outra tempestade aparece. é o que acontece.

sinto cada vez menos e menos e menos. eu já quis ser tudo pra alguém, mas esse alguém também se esvai, pensei. são todos acúmulos tentando terminar mais um dia e ter algo bom no intervalo. é bom ser em dobro e levar mais tempo para se dissipar, o intervalo se torna maior e o peso do mundo se reparte em cubos que podem ser colocados no canto da sala vez ou outra, enquanto dormimos no quarto.

foi horrível me despedir de você nesse quadragésimo sexto dia de chuva que passamos juntos, eu não gosto de despedidas. desde você, eu contava as horas das 16h às 19h10 e então fui roubado e eu contava as horas das 15h às 23h10 e todas pareciam a mesma eternidade

eu ainda guardo o som daquela sua gargalhada no dia da tempestade, você não soltava minha mão. depois disso, quando chove eu te ouço rir. aquela sua risada teria o poder de reacender as almas dos que pensam que o mundo não vale a pena. reacendeu a minha.

quando eu segurei suas mãos pela primeira vez foi como se as ondas que quebravam em meus pulmões tivessem decidido que eu merecia respirar, dar esse primeiro fôlego fez ecoar em minha mente uma voz que gritava “então há vida!”

eu não suportava mais estar sufocado todas as horas de todos os dias

uma vez me disseram que existem linhas que tendem a se cruzar em todas as vidas. imagine sermos um casal americano proprietários do maior hotel da Filadélfia em 1953 // os primeiros índios a se apaixonarem quando o Brasil nem era Brasil // o primeiro casal a ver a primeira aurora boreal na noruega em 1735 // eu me apaixonaria por você em todas as vidas que meoubessem

eu vi uma matéria que dizia que ao beijar o corpo libera eletrodos que fazem o cérebro reagir com estímulos e interações hormonais e eu espero que isso signifique um vulcão no processo de erupção misturado com o impacto da água que cai de uma cachoeira nas pedras lá embaixo porque é isso que sinto ao te beijar. e é a melhor sensação que alguém pode ter.

meus edredons já não me aquecem tanto do frio como suas pernas entrelaçadas na minha, eu sorrio desconcertado quando você me elogia do nada, ficar em silêncio com você não é constrangedor, eu sinto uma brisa vinda do sul quando está perto da hora da gente se encontrar

você tem esse cheiro jardim que não ataca minha rinite, quando eu reclamo sinto que você ri por dentro pensando como se apaixonou pelo homem mais difícil de lidar da cidade e eu te beijo e você faz cara de quem vale a pena

eu gosto de sentar na janela do ônibus, mas é lindo ver o vento batendo em seu cabelo e você perdida em algum pensamento tão longe dali, e nem assim larga minha mão. viajo três continentes tentando desvendar o que se passa no seu silêncio e quais nomes rondam teu olhar perdido, no intervalo entre periperi e plataforma

sal a gosto

você é linda distraída

eu tendo a cogitar possíveis discussões nossas que provavelmente não existirão porque sempre são por motivos que nunca passaram por minha cabeça, apesar de saber que a da cor da cortina da sala vai acontecer

a vida é boa com você e há de durar, já que meu caos comporta seu caos e nossos ais se desfazem no caos que criamos para nós

a três anos-luz daqui
eu vi o futuro
e eu não era nada além
de pulsar

sentia o sangue dilatando minhas veias
e o sol esquentar o jardim
de margaridas congeladas
do lado de fora da janela

as bicicletas ainda eram bicicletas
os carros não voavam
mas tudo tinha o peso de quem está prestes
a presenciar o estopim de uma guerra mundial

ver o futuro não é uma dádiva, Madalena

eu senti o arrepio na espinha
e o disparar de cada palavra mal dita
o peso do mundo todo dentro de um peito
é

insuportável
e eu não sei por onde ir

meu coração bate três vezes mais rápido
e explode

eu sinto o começo do fim do mundo
minhas mãos perdiam a sensibilidade
a cada segundo
sua voz impregnava meus ouvidos
mas seus gritos não me deixavam sem ar

só então me dei conta
que o meu corpo
comporta teu caos

você não precisa ir embora

eu lembrei do teu peito morno quando deitei sem fé no quarto vazio / o silêncio que foi de deserto a cobertor me fez ser / e sou / parecia mais minha que de qualquer um aquela solidão constante / e apreensiva / e cuidadosa comigo / me protegia de mim / de mim. / era um fundo tão fundo / que a luz que alcançava meus olhos já era nada / mas eu tenho certeza que havia ali um rastro de ser qualquer / um rastro de ser mais meu e quem sabe mais feliz. / meu esboço de reações se esgotaram com a tinta da caneta / os poemas já nem rimavam / as vogais se juntavam numa melancolia tão rasa / que era mais música do que dor / era mais eu / e assim menos fundo / menos mundo / mais espelho e pele fria refletida num ensaio de sorriso. / transbordo de sentir e já não sei se é sensação / ou sentimento / ou sensação... / ou sentimento... / cada partícula do meu corpo encara o céu nublado e sente a Via Láctea inteira / com seus corpos e prótons e sorte / por lá é tudo sempre calmo / mesmo com as tempestades / e assim sou menos fundo e mais brilhante / menos fundo e então planeta / menos fundo e a luz tem forma. / são 23cm de caos entre eu e você / a distância já não existe e o sentir é inteiro / sua claridade não me ofusca os olhos / os conforta / te encontrei em silêncio / te amei no silêncio / sussurrei o teu nome.

quando eu te perguntei do futuro e você desviou os olhos dizendo não gostar de fazer planos, eu me desorientei por vinte e três segundos

eu planejei a casa, os filhos, a corda no fundo porque você não suporta a ideia do varal dentro de casa molhando o chão; a viagem, seu presente de natal desse ano e do ano que vem; nosso casamento, os convidados, teus brincos; planejei te deixar no trabalho e comprar um café depois – eu nem bebo café, mas me pareceu uma boa pedida

e em vinte e três segundos eu tentei desmoronar esses planos para não te assustar; a culpa não é sua que não gosta de fazê-los, mas não me condeno por esperá-los e preciso deixar isso claro

quando te olho é como se duas galáxias que esperaram uma vida até esse dia, colidissem; quando te toco eu sinto o pó da primeira estrela vista a olho nu na ponta dos meus dedos

eu desenhei o teu nome na última página da minha agenda, no canto da nota fiscal da subway, na correspondência que o bradesco enviou dizendo que meu nome estava sujo

nossa foto é meu papel de parede no computador e ela cairia muito bem em um outdoor ou na minha futura agenda – o que é mais provável de acontecer porque eu nem sei como se colocam aquelas coisas em outdoors

eu lembro da primeira vez que vi a teoria do gato na caixa: quantas realidades teríamos se a gente desse um passo diferente. eu podia ter ido para a aula no seu aniversário, você podia não ter me convidado para a fazed naquele primeiro dia em que meus olhos encontraram os seus a sós, ontem choveu e não fomos para minha casa, eu de fato iria embora do país: nunca tive motivo pra ficar – até você

tentaríamos a distância // eu te levaria comigo // talvez eu nem fosse // o gato na caixa. eu ainda quero a gente

eu ainda penso no dia das alianças e no seu sorriso. os planetas em mim se alinham quando nossas mãos estão juntas. como vou explicar aos nossos netos o dia em que eu me apaixonei por você?

eu faço planos sem querer

no dia que você se atrasou quase meia hora eu listei 13 coisas que eu gosto de reparar em você: seus olhos, sua boca, sua orelha aberta, seu sorriso, suas mãos, seu braço dobrado, seus seios, a cicatriz na sua perna, a forma que o cabelo cai sobre a testa, sua bunda, sua tatuagem, sua clavícula, suas combinações de roupas; eu lembrei do dia que saímos juntos e eu preto e branco e você toda estampada e é como um eclipse no meio da natureza. eu gosto da gente

eu ando pesquisando tipos de cactos pra te dar quando fizermos um ano porque você me disse uma vez que os ama – eu nem sabia que eram tantos e eu não sei se existem mais cactos ou formas de te amar.

sal a gosto
dor e amor também

esteban r

títulos da cole-sã **escrevivências**, da
padê editorial:

escura.noite, kati souto
sal a gosto, esteban rodrigues
paragrafia 44, lélia de castro
44 sentimentos, cleudes pessoa
cartas para NegraLua, débora rita
oju oiyñ, okan iná, beatriz fernandes aqualtune
água viva, piera schneider
desculpa por ainda escrever poemas de amor, julianna motter
flores em coração cerrado, tati carolli
a saudade é mulher, fernanda fernandes muniz
delírios de (re)xistência, geise gênesis
in-quietudes, vandia leal
coração no asfalto, márcia cabral
ser y estar en otros matices, rocío bravo shuña
olindeza, maryellen aparecida
concha, sabrina leonardi
pérola marrom, nina ferreira
piroclastos, lázaro
afro latina, formiga
alumbramento marginal, bianca chioma
deve haver haveres para que a gente siga existindo, laila oliveira
EP, téo martins
tinkuy, jade bittencourt
sapa profana, raíssa éris grimm
sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade
decolonial, de viviane vergueiro
amar devagarinho..., de bruno santana
guarda-versos: palavras que não pude calar, de adrielle do carmo
a piada que vocês não vão contar, kuma frança

todos os títulos da cole-sã estão disponíveis pra venda y também
download gratuito no portal
www.literatura.lgbt
(61) 98195-2616